

América Latina: O que esperar em 2012?

Por [Nicolás Eyzaguirre](#)

Alguns dias depois do primeiro amanhecer de 2012, é natural perguntar: **O que o Ano Novo trará para as economias da América Latina, sobretudo diante dos problemas que ainda afligem a Europa?**

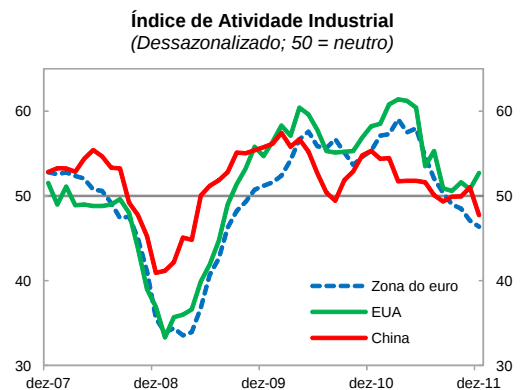
Na certa, um ambiente econômico menos favorável, aqui e no exterior. O ritmo de crescimento diminuiu nos maiores países da região. No hemisfério norte, os Estados Unidos estão recuperando um pouco o crescimento, mas a atividade está em queda no resto do mundo, inclusive na China — um mercado cada vez mais importante para as commodities latino-americanas.

Talvez até mais relevante seja o fato de que os mercados financeiros globais ainda sofrem pressão, uma vez que muitas dúvidas sobre as economias avançadas continuam sem resposta:

- O maior risco ainda é o rumo futuro da crise europeia. Os avanços obtidos na busca de uma solução abrangente ainda não acalmaram os mercados financeiros.
- Os Estados Unidos ainda precisam encontrar o ponto de equilíbrio da política fiscal, que garanta o apoio ao crescimento no curto prazo e a sustentabilidade no longo prazo.

Motivos para cautela

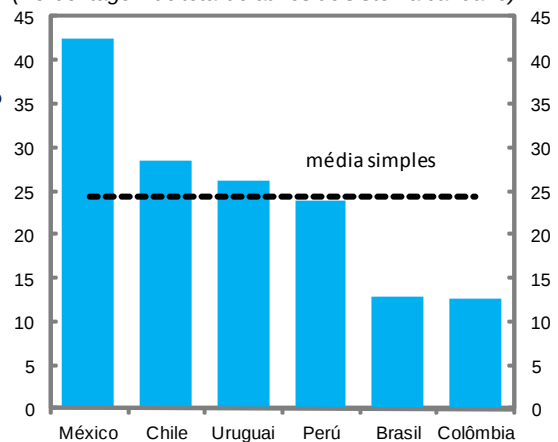
Como nós, no FMI, somamos todos esses fatores para estimar as novas perspectivas para as Américas em 2012? Nossas previsões oficiais só serão divulgadas em algumas semanas, mas podemos adiantar que as perspectivas para o próximo ano não serão melhores do que estimamos em outubro, ao publicar nossas últimas previsões (a atualização das previsões do *World Economic Outlook* será lançada em 24 de janeiro; nosso blog será atualizado próximo a essa data).



Fontes: Haver Analytics e cálculos do FMI.

Proporção de ativos bancários detidos pelos bancos Europeia, 2010

(Porcentagem do total de ativos do sistema bancário)



Fontes: Autoridades nacionais, Bankscope e cálculos do FMI.

É claro que não esperamos que a América Latina entre em recessão se a crise europeia continuar a ser contida, mas não se pode descartar a possibilidade de crescimento mais fraco, até porque a confiança e os preços das commodities estão em declínio.

As perspectivas continuam a ser dominadas pelos riscos financeiros. Hoje a Europa concentra todas as atenções. Embora a deterioração das condições ainda não tenha se propagado à América Latina, não estaremos imunes se os riscos aumentarem. Um quarto dos ativos bancários das maiores economias latino-americanas, em média, está nas mãos de bancos da zona do euro, e muitos desses bancos não estão concedendo empréstimos ou renovando as linhas de crédito existentes, na tentativa de reforçar seus balanços.

Mas o estouro da latente crise europeia poderia acelerar esse processo, sobretudo se houver uma necessidade premente de recursos de curto prazo em dólares (ainda que os bancos da zona do euro tenham tido a prudência de financiar a maior parte de suas atividades na América Latina através de depósitos em moeda nacional, o que reduz sua vulnerabilidade à contração do financiamento em dólares).

A menor disponibilidade de linhas de crédito externas para os bancos poderia levar à escassez de crédito na América Latina, agravando uma situação de queda de confiança e desaceleração do crescimento e, se o mal-estar se espalhar para a Ásia, recuo nos preços das commodities: uma mistura tóxica para o crescimento e a estabilidade.

Preservar a estabilidade

O que os países devem fazer diante dessas perspectivas de grande risco? Muito depende de sua atual conjuntura macroeconômica.

Na esfera monetária, alguns países já estão tomando medidas preventivas, passando a adotar uma orientação neutra ou flexível, uma vez que a inflação está sob controle e a atividade está em baixa. (A flexibilização monetária talvez não seja uma opção para países com inflação mais elevada ou forte dolarização.)

Na esfera fiscal, a principal lição a extrair da Europa nos dias de hoje — e da América Latina no passado não muito distante — é que a solidez das finanças públicas é fundamental. Em países que dispõem de margem de manobra fiscal, é possível que numa certa altura seja necessário gastar recursos públicos para combater a desaceleração da economia, como foi feito em 2009. Mas isso virá mais tarde, se os riscos se materializarem; agora não é o momento. A crise europeia mostra como países com grandes déficits fiscais podem sofrer perdas súbitas de credibilidade que provocam a fuga de capitais, mesmo que os níveis de dívida pública sejam manejáveis.

Enquanto isso, deve-se intensificar a vigilância aos sistemas financeiros para detectar sinais de tensão, especialmente no que se refere a pressões de liquidez.

A boa notícia é que muitos países da região estão começando o ano numa [posição sólida](#). Eles souberam administrar suas economias e seus mercados com habilidade desde a crise de 2008. Acima de tudo, essa crise ensinou à América Latina a importância de manter boas condições de liquidez para evitar a escassez de crédito, que é muito difícil de combater com políticas macroeconômicas.

Além disso, na maioria dos casos, os bancos são saudáveis, os quadros de política monetária são cada vez mais dignos de confiança, a cobertura das reservas internacionais é suficiente e as finanças públicas estão em ordem. A chave é saber manter essa posição.

No conjunto, nosso conselho neste início de 2012 é torcer por notícias boas e se preparar para as ruins.

Este texto também foi publicado no blog do FMI em inglês, [IMFdirect](#).



Nicolás Eyzaguirre é Diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI. Eyzaguirre foi professor de economia na Universidade do Chile e, entre 2000 e 2006, Ministro da Fazenda do Chile. Foi diretor executivo do FMI entre 1998 e 2000 e ocupou vários cargos de alto nível no Banco Central do Chile no período 1990–97.